



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO DE LETRAS**

JANIANE RIBEIRO DA SILVA

A CARTOMANTE: TRAGÉDIA REVESTIDA DE IRONIA.

Guarabira-PB

2014

JANIANE RIBEIRO DA SILVA

A CARTOMANTE: TRAGÉDIA REVESTIDA DE IRONIA.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Suely da Costa

Guarabira – PB
2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S586l Silva, Janiane Ribeiro da

A cartomante: tragédia revestida de ironia. / Janiane
Ribeiro da Silva - Guarabira: UEPB, 2014.
19 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Profa. Dra. Maria Suely da Costa.”

1. Machado de Assis. 2. Tragédia. 3. Ironia. 4.
Personagem. I. Título.

22.ed. CDD 801.959

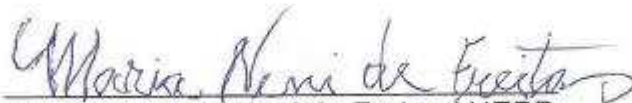
A CARTOMANTE: TRAGÉDIA REVESTIDA DE IRONIA.

Trabalho de conclusão de curso *A Cartomante: tragédia revestida de ironia*, apresentado ao curso de Graduação de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras, foi aprovado em 27 1 02 /2014.

BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Maria Suely da Costa/ UEPB
Orientadora



Profª Drª Maria Neni de Freitas/ UEPB
Examinadora



Profª Drª Rosilda Alves Bezerra/ UEPB
Examinadora

A CARTOMANTE: TRAGÉDIA REVESTIDA DE IRONIA.

RESUMO

Este trabalho traz uma leitura do conto *A Cartomante* de Machado de Assis objetivando verificar como se constituem os aspectos psicológicos e trágicos na construção das personagens dentro desta narrativa, observando que forma Machado apresenta os fatos no enredo para ironicamente fazer uma crítica aos comportamentos sociais do homem. Para a realização do nosso trabalho, tomamos como base os pressupostos teóricos de CANDIDO (2004; 2005), MOISÉS (2006), BOSI (2006), SILVA (2007), COUTINHO (1997; 2007), ARISTÓTELES (1997), entre outros, cujos apontamentos nos ajudaram a obter um melhor entendimento do tema, do autor e do contexto histórico e literário. Em nossa leitura, percebemos que a ironia é o mecanismo de estrutura desta narrativa, permitindo construir uma crítica à sociedade por meio de comportamentos sociais, possibilitando transformar o sentido do discurso do narrador machadiano, dando-lhes novos significados e interpretações.

Palavras-chave: Machado de Assis. Tragédia. Ironia. Personagem.

Introdução

A Cartomante é um conto realista que mostra uma visão objetiva e pessimista da vida, do mundo e das pessoas, além de fazer uma crítica humorada e irônica das ações humanas, das relações entre os personagens e seus padrões de comportamento. A história trata de um triângulo amoroso entre Vilela, Camilo e Rita, cujo final é trágico. Paixão, adultério, pessimismo e morte são os temas-chave abordados no conto. O uso de metáforas, ironias, questões social e psicológica, a dar forma ao comportamento imprevisível das personagens e suas ambiguidades, são características marcantes do estilo machadiano presentes nesta narrativa.

A estética realismo-naturalismo deram forma a movimentos literários que surgiram

durante o século XIX e penetraram pelo século XX, e que compartilhavam de um mesmo ideal, contrários as ideias do romantismo. O objetivismo surge como uma negação ao subjetivismo romântico; o universalismo ocupa o lugar do personalismo e o sentimentalismo cede espaço ao materialismo. O realismo se preocupa apenas com o presente, com o contemporâneo.

O Realismo-Naturalismo foram movimentos que tiveram uma influência direta dos ideais ligados às correntes filosóficas e científicas europeias (positivismo, evolucionismo e a filosofia alemã); surgiram no momento em que o mundo sofria profundas transformações econômicas, políticas, sociais, culturais e científicas. No Brasil não foi diferente, quando foram inaugurados em 1881, o país também passava por mudanças nos campos econômico e político-social. “Na segunda metade do século XIX, os elementos sociais, econômicos e políticos que constituíam o arcabouço da civilização brasileira, a própria estrutura da sociedade, sofriam franca e radical transformação” (COUTINHO, 2007, p. 195).

Durante o século XIX, muitos movimentos estéticos e literários, conviveram uns com os outros e atuaram ao mesmo tempo, ora se opondo ora se complementando. Devido a esse cruzamento de correntes literárias, é possível afirmar, segundo (COUTINHO, 2007, p.180), “que muitos escritores brasileiros, iniciaram sua formação e sua carreira literária no Romantismo e vieram se transformar em representantes do Realismo ou Naturalismo, como é o caso de Machado de Assis”.

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) nasceu no Rio de Janeiro, filho de um brasileiro mulato e de uma portuguesa, frequentou escola pública, onde aprendeu as primeiras letras. Sua cor, sua condição social e sua doença nervosa, não o impediu de ser consagrado e prestigiado socialmente, “antes pelo contrário, conviria assinalar a normalidade de exterior e a relativa facilidade de sua vida pública. Tipógrafo, repórter, funcionário modesto, finalmente alto funcionário, a sua carreira foi plácida” (CANDIDO, 2004, p.15).

Machado é considerado um dos maiores escritores brasileiros, foi um dos

fundadores e o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. Sua obra não se restringe a ser enquadrada apenas dentro do panorama da Literatura Brasileira, ela transcende os limites do tempo e do espaço e ganha um caráter universal, daí ele ser considerado um escritor de estatura internacional. “A ficção machadiana constitui, pelo equilíbrio formal que atingiu um dos caminhos permanentes da prosa brasileira na direção da profundidade e da universalidade” (BOSI, 2006, p.182).

Podemos destacar em duas fases distintas da obra de Machado de Assis: a fase romântica ou de amadurecimento, na qual ele ainda está preso aos princípios romanescos; a fase realista ou de maturidade, nesta fase Machado já está totalmente imbuído pelos ideais realistas, aqui se encontram seus melhores textos, as suas obras primas. A crítica a comportamentos da sociedade, a preocupação com a análise psicológica e a ironia são algumas das características desta ficção.

A personagem de ficção: sob o tom irônico, crítica à sociedade

A prosa de ficção machadiana, especificamente a da segunda fase, ou seja, a fase realista ou de maturidade, procura fazer uma crítica à sociedade, a partir de determinados comportamentos, porém, Machado não se limitou apenas a explicar o comportamento humano a partir de causas precisas, como faziam muitos autores realistas de sua época, ele transcendeu esses esquematismos deterministas. Segundo Candido (2004, p. 19):

Num momento em que os naturalistas atiravam ao público assustado a descrição minuciosa da vida fisiológica, ele timbrava nos subentendidos, nas alusões, nos eufemismos, escrevendo contos e romances que não chocavam as exigências da moral familiar.

Machado de Assis construiu uma narrativa preocupada em fazer uma análise psicológica do ser humano, e também conseguiu falar dos problemas sociais de forma

bastante discreta e subjetiva. Conforme observa o crítico antonino Candido, ele buscou mergulhar nos mistérios, nos enigmas mais profundos da alma e da mente humana. “O senso machadiano dos sigilos da alma se articula em muitos casos com uma compreensão igualmente profunda das estruturas sociais”. (CANDIDO, 2004, p. 31)

No conto *A Cartomante*, o foco está em fazer uma crítica a alguns comportamentos sociais; observa-se que a abordagem maior desta narrativa é a análise psicológica das personagens, na qual, Machado de Assis evidencia as contradições, conflitos, desejos e medos que afligem três personagens envolvidas no triângulo amoroso. Para a construção do enredo, ele junta ao seu “estilo refinado”, uma ironia fina e um pessimismo, visto como “o grande desencanto que emana das suas histórias” (CANDIDO, 2004, p. 19), pessimismo este confirmado no conto pela ausência de um final feliz e até pelos próprios pensamentos negativos das personagens. É o que podemos perceber na passagem do texto em que o personagem Camilo recebe a carta de Vilela, pedindo que ele fosse a sua casa e entra em conflito, começando a cogitar a causa do chamado, e até mesmo a imaginar uma possível cena dramática:

– Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora, – repetia ele com os olhos no papel. Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando da pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a idéia de recuar, e foi andando. (ASSIS, 1994, p.06)

Outro elemento de grande relevância na obra de Machado é a ironia, pois é através desta que ele constrói sua crítica em relação a estruturas sociais, costumes e comportamentos humanos. Para Candido (2005, p. 46),

É precisamente a ficção que possibilita viver e contemplar tais possibilidades, graças ao modo de ser irreal de suas camadas profundas, graças aos quase juízos que fingem referir-se a realidade sem realmente se referirem a seres reais; e graças ao modo de aparecer concreto e quase sensível deste mundo imaginário nas camadas exteriores.

Amaury Sanchez, no estudo “Panorama da Literatura no Brasil” (1982, p. 43),

classifica a ironia machadiana como:

Seu procedimento mais sistemático mostra que a defasagem entre convicções e ação não provoca nenhum tipo de tensão nos indivíduos e é precisamente aí que esta a raiz do comportamento hipócrita que tanto caracteriza as pessoas e a sociedade.

A ironia deste autor consiste exatamente em refletir sobre os contrastes existentes entre as convicções dos padrões sociais e as ações praticadas pelo homem, de modo que este mecanismo se transforma em uma importante ferramenta para construção da crítica à hipocrisia das pessoas e da sociedade.

Machado não tem o simples propósito de falar ou referir-se a uma determinada realidade, mas na verdade, por vezes ele apenas toma esta como ponto de partida para criar uma ficção viva, rica de significados, com estilo e linguagem originais. Segundo Candido (2004, p. 32),

Não procuremos em sua obra uma coleção de apólogos nem uma galeria de tipos singulares. Procuremos sobretudo as situações ficcionais que ele inventou. Tanto aqueles onde os destinos e os acontecimentos se organizam segundo uma espécie de encantamento gratuito, quanto as outras, ricas de significado em sua aparente simplicidade, manifestando, com uma enganadora neutralidade de tom, os conflitos essenciais do homem consigo mesmo, com os outros homens, com as classes e os grupos.

O conto *A Cartomante* inicia-se com a citação feita por Rita que explicava a Camilo que havia muita causa misteriosa e verdadeira neste mundo, sem saber que citava vulgarmente o mesmo discurso proferido por Hamlet a Horácio. Esta intertextualidade presente na narrativa se torna ambígua, uma vez que de forma implícita ajuda a explicar a intenção do narrador, que através da metáfora busca suscitar no leitor, as duas faces do contexto: primeiro, pelo fato do texto remeter a um outro texto – a tragédia shaksperiana na qual seus personagens estão envolvidos num caso de adultério, cujo final é trágico; segundo, devido o narrador, através da fala da personagem Rita, elucidar a questão dos

inimagináveis mistérios que há entre o céu e a terra, entre eles a questão do misticismo que de uma certa forma está presente na história:

Hamlet observa a Horácio que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.(ASSIS, 1994, p.01)

Ao utilizar esta citação, o narrador, acaba por exatamente demonstrar o tom trágico que pretende dar a obra, e ainda para antecipar o final da história. Com efeito, “na razão inversa da sua prosa elegante e discreta, do seu tom humorístico e ao mesmo tempo acadêmico, avultam para o leitor atento as mais desmedidas surpresas”. (CANDIDO, 2004. p.18)

A narrativa conta a história de um triângulo amoroso, entre Rita, Camilo, e Vilela, cujo desfecho é surpreendente e trágico. A forma como é conduzida esta narrativa explicita a proposta de Machado com relação à construção da prosa de ficção, ele procura ressignificar as histórias românticas, traçando um novo perfil para o herói e banalizando o clássico “final feliz”. Dessa forma, segundo Bosi (2006, p.180), “deslocando o ponto de vista com relação ao velho tema como o triângulo amoroso que já não se carregará do pathos romântico que envolvia herói-heroína – o outro”. Esta é uma das fortes características encontrada neste conto. Machado de Assis rompe com um paradigma vigente e desconstrói o *status* do herói justo pronto a “cumprir missões, ou seja, a afirmar a própria vontade; há apenas destinos, destinos sem grandeza”. (BOSI, 2006, p.180). Um exemplo disso se dá com o personagem Camilo que, por consequência de seus atos, vem a sofrer os “desfortúnios” do destino.

A *Cartomante*, conforme aponta Moisés (2006, p. 40), é, pois, “uma narrativa unívoca, univalente: constitui uma unidade dramática, uma célula dramática, visto gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação”. O enredo do conto machadiano gira em torno de único drama: o triângulo amoroso entre Vilela – Rita – Camilo; a narrativa é caracterizada “por conter uma unidade de ação, tomada esta como a sequência de atos praticados pelos protagonistas, ou de acontecimentos de que participam”. (MOISÉS,

2006, p.40)

Logo no início da história, o narrador nos apresenta superficialmente o perfil das personagens. Conforme nos aponta Candido (2005, p. 62,63), de acordo com a terminologia de Johnson, Camilo e Vilela podem ser considerados "personagens de natureza"; ou "personagens esféricas"; seguindo a classificação Forster, "pois são apresentadas, além dos traços superficiais, pelo seu modo íntimo de ser, e isto impede que tenham a regularidade dos outros, sendo capazes de nos surpreender". É o que confirmamos ao decorrer do enredo, quando percebemos uma mudança no comportamento e posição de tais personagens. Camilo, inicialmente mostrava-se ingênuo, incapaz de cometer tal ato: trair o amigo de infância, quase um irmão, mas talvez por causa da sua carência ou mesmo fragilidade, deixou-se levar pelos seus desejos e não conseguiu resistir aos encantos e ao poder de sedução de Rita:

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo e para desviar as suspeitas, começou a rair as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato. (ASSIS, 1994, p.04)

Essa passagem do texto confirma uma mudança no posicionamento do personagem Camilo, que passa de moço ingênuo e puro a astucioso, esperto e até mesmo egoísta. Assim, "Candura gerou astúcia" (ASSIS, 1994, p.05)

Já o personagem Vilela, quase não aparece no enredo, e pelas poucas vezes que surge mostra-se aparentemente um homem calmo, sensato e companheiro, que tem grande estima à mulher e ao amigo:

Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher de Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina

e interrogativa. (ASSIS, 1994, p.03)

Porém, esse discreto posicionamento de Vilela dentro do enredo é revertido no final do conto, momento em que ele assume uma posição diferente e apresenta um comportamento inesperado, imprevisível: ele acaba cometendo o assassinato da mulher e do amigo. Vejamos o trecho:

Vilela não lhe respondeu: tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: – ao fundo, sobre o canapé, estava Rita morta e ensangüentada. Vilela pegou-o pela gola, e com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão. (ASSIS, 1994, p.03)

Do ponto de vista da construção, as personagens Rita e a Cartomante podem ser consideradas planas, uma vez que são construídas em torno de uma única ideia ou qualidade; são facilmente reconhecíveis sempre que surgem; e permanecem inalterados no espírito, uma vez que não mudam com as circunstâncias.

Rita, do início até o final da narrativa, se mantém com uma mesma postura. Desde o momento em que conheceu Camilo, é movida pelo desejo e procura se envolver com o amigo de infância de seu marido, mesmo tendo consciência de que seu ato infringia as regras morais. Quando se iniciaram as ameaças das cartas anônimas, ela tentou encontrar formas de contornar o drama que se delineava e continuar com o romance proibido:

[...] Os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultava antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia fazendo ele anos, recebeu de Vilela uma rica bengala de presente, e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração; não conseguia arrancar os olhos do bilhete. (ASSIS, 1994, p.04)

Por sua vez, a personagem a Cartomante, é posta com o perfil de uma charlatã, que se utiliza da prática da cartomancia para enganar seus clientes, fazendo falsas

profecias e com isto obter lucros financeiros. Esta também se mantém com a mesma postura do início até o desfecho da história:

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela, ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A Cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta. (ASSIS, 1994, p.09)

Nesse trecho podemos perceber a esperteza desta personagem, ela consegue convencer Camilo que nada de mal viria a acontecer nem a ele e nem a sua amada.

As personagens Camilo e Vilela eram amigos de infância. Vilela homem de 29 anos, porte grave, era casado com Rita, uma moça provinciana, uma “dama famosa e tonta” de 30 anos, “graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa” (ASSIS, 1994, p.03), acreditava em muitas crenças, inclusive o misticismo, era um tanto insegura e cheia de sustos.

Camilo, moço da cidade, 26 anos, “era um ingênuo na vida moral e prática” (ASSIS, 1994, p.03). Inicialmente, entrou no funcionalismo contra a vontade do pai que deseja que ele fosse médico, quando o pai morreu, ele decidiu não seguir nenhuma das duas carreiras, sua mãe que lhe arranhou um emprego público, Camilo era inseguro e incrédulo.

Após a morte da mãe de Camilo, “uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade”. (ASSIS, 1994, p.03), Vilela e Rita mostraram-se verdadeiros amigos de Camilo, principalmente Rita que “tratou especialmente do coração e ninguém o faria melhor. Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca”. (ASSIS, 1994, p.03)

De início, Camilo quis fugir, procurou relutar para não ser vencido pelo seu desejo, mais aí já era tarde demais, uma vez que,

Rita, como uma serpente, foi se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou

atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha era curta e a vitória delirante. Adeus escrúpulos! (ASSIS, 1994, p.04)

Daí em diante, a aproximação e a paixão entre eles tornou-se cada vez mais forte, ao ponto de arriscarem-se um pelo outro para ficarem juntos.

O clímax do conto começa a se compor a partir do momento em que Camilo passa a receber as cartas anônimas que o ameaçava, dizendo que seu caso com Rita era sabido por todos. Com isto podemos perceber que foi pouco tempo para que ele entrasse em pânico, pois desde que recebeu a primeira carta, Camilo começou a se preparar psicologicamente para enfrentar Vilela, ou seja, de uma certa maneira, ele já havia se conformado com a ideia de um possível confronto entre eles.

Com efeito, o tempo que ganha relevância no enredo, não é o tempo cronológico, mas, o tempo psicológico visto que, “as personagens numa fração de segundo podem mudar de um estado psicológico e mergulhar no ódio, na angústia, na irritação, no júbilo, ou em outra imprevista emoção” (MOISÉS, 2006, p.92). É exatamente isso que acontece com Camilo, ele passa do estado de felicidade à aflição e ao medo, devido às constantes ameaças de cartas anônimas: “Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rarear as visitas à casa de Vilela” (ASSIS, 1994, p.05). Rita também andava desconfiada e medrosa por causa das ausências do amante e, então, decidiu procurar a Cartomante para saber o motivo de seu afastamento.

Certo dia, Camilo recebeu um bilhete enviado por Vilela que lhe pedia para que fosse a sua casa, conseqüentemente ele entrou em conflito e começou a cogitar a causa do chamado. Diante de suas inquietudes, receios e dúvidas, Camilo se viu sem saída e também resolveu consultar a Cartomante. Na casa da Cartomante, o narrador procura demorar-se na descrição dos objetos e detalhes do ambiente, como forma de aumentar o suspense e atrasar o desfecho do conto. Nesse instante, a ansiedade e o medo já haviam tomado Camilo por completo, mas, as falsas previsões da Cartomante com relação ao seu futuro e ao de Rita, restituíram sua paz interior, ele realmente se convenceu de que nada de mal viria acontecer a eles, e agora até planos fazia para o futuro. “A verdade é

que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir”. (ASSIS,1994, p.10). Sem saber da surpresa que o destino lhe reservava, Camilo pensava num futuro longo, seguro e feliz a o lado da amada. No entanto, ao chegar à casa do amigo, ele se choca com a cena de Rita ensanguentada e morta no chão, e antes mesmo que falasse alguma coisa, Vilela o mata com dos tiros. O desfecho da narrativa torna-se inesperado, exatamente por causa da interferência da cartomante, que alivia a aflição de Camilo e convence o leitor que nada de mal aconteceria: “Com isso, o choque final avulta: só no desfecho o leitor toma consciência de estar diante de uma narrativa engenhosíssima, verdadeira obra-prima no gênero, acerca de um corriqueiro episódio doméstico”. (MOISÉS, 2006, p.91)

Constatamos que através da análise psicológica o narrador machadiano evidencia os mais diversos sentimentos e contrastes que afligem as personagens desta narrativa, utilizando-se da ironia para dessa forma, construir sua crítica com relação a determinados comportamentos e situações humanas na sociedade.

A Cartomante: pelo viés do tom trágico e irônico

Neste conto, Machado de Assis utiliza alguns elementos estruturantes da tragédia, tais como: amor, traição, vingança, morte etc. A citação do texto shakespereano: “Hamlet observa a Horácio que há mais causa no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia” (ASSIS, 1994, p. 01), usada logo no início da narrativa, já nos dá evidências do tom trágico que perpassará a história que será narrada, considerando que, “ao representar o sentimento humano, o espetáculo trágico oferece possibilidade de observar, suportar e elaborar a própria tragédia do destino humano” (SILVA, 2007, p. 134). Apesar do narrador, a partir desta citação, nos lançar pistas mesmo que de forma indireta e implícita sobre o enredo da história, não é possível imaginar ao certo seu real desfecho. Assim, o leitor é convocado a participar, desafiado a fazer especulações filosóficas e psicológicas acerca das personagens e “a tecer suposições sobre a trama, partindo do fio

fornecido” (SILVA, 2007, p. 185).

Em sua composição, *A Cartomante* traz traços da tragédia tais como: “a presença de um herói sucumbido pelo destino trágico da morte, a intervenção do oráculo – representado pela cartomante (a falsa vidente), o engano, coisas ou eventos contrários à expectativa do leitor e o rebaixamento das personagens” (SOUSA NETO; 2012 p.174).

Trata-se de uma narrativa que se compõe por meio de uma dramatização ambivalente e tensa, em que os mais diversos sentimentos e sensações opostas coabitam ao mesmo tempo: paixão, ciúme, medo, alegria, tristeza etc. A forma como o trágico se compõe no drama se constitui como um processo de aniquilamento do herói (Camilo) frente ao destino que se apresentará como uma fatalidade inesperada sobre ele.

Essa é uma narrativa que vai, aos poucos, revelando os traços de pessimismo e melancolia revestidos com os recursos da ironia e, finalmente, concluída com a fatalidade de morte. Estes elementos são usados como forma de refletir sobre a precariedade da sorte humana e sua mesquinhez. Neste conto, o autor “mostra uma visão pessimista e trágica da existência, trazendo em si o tema da morte e sua contingência, a contradição essencial do homem, o caráter absurdo e inseguro da vida” (COUTINHO, 1997, p. 53).

Na trama, as personagens Camilo e Rita são levadas a um destino trágico (à morte) devido as suas ações praticadas. Estes não caem no “infortúnio como resultado da vileza ou perversidade” (ARISTÓTELES, 1997, p. 51), mas em consequência de um erro cometido: a traição. Rita é apresentada como figura da mulher que traz em si a constituição do amor e da catástrofe, ou seja, é uma personagem ambígua, uma vez que ela conduz Camilo à felicidade amorosa e sequencialmente à perdição e à morte.

O amor clandestino entre eles desperta suspeitas e daí surgem as ameaças das cartas anônimas, Camilo “temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio” (ASSIS, 1994, p.05). A possibilidade de uma tragédia lhe parecia algo realmente certo e isto o apavorava; seu medo diante da ideia de morte o leva a buscar explicação e solução no oráculo para o seu drama e o futuro sobre o seu destino e de sua amada.

Apesar do teor dramático da história e da Inicial invocação a um drama, o discurso machadiano apodera-se desta dramaticidade para subvertê-la: com suas manipulações irônicas; o narrador transforma o dramático em patético. Se permanecêssemos no campo da narrativa, teríamos a história de um triângulo amoroso em que o drama dá o tom: a tragicidade dos fatos, os diálogos iniciais; as atitudes seguras das personagens e a própria tensão criada no conto são recursos que nos remetem ao drama. Porém a ironia do narrador machadiano irrompe da narração de tal maneira que inverte toda esta visão dramática. (SAES, 2009, p.106)

A ironia é o recurso que vai articulando todo o drama da narrativa; trata-se de um tipo de ironia trágica que ajuda tanto a esclarecer quanto transformar as interpretações do texto, e ainda serve para refletir sobre a condição do homem e sobre o sentido frágil e instável da vida. Segundo Pessoa (2007, s/n), “quando se fala em ironia trágica de Machado de Assis, portanto, é preciso entender esse genitivo como simultaneamente objetivo e subjetivo, como uma técnica específica do autor”. Diante disso, é notável, conforme aponta Silva (2007, p.133), que “o contraste entre o homem com suas esperanças, desejos e empreendimentos, e um destino obscuro, inflexível, propicia abundantes condições para a exibição de ironia trágica”. Além disso, esta ironia também é o mecanismo que também fundamenta o discurso do narrador, que a utilizará para poder jogar com as palavras, tornando as sequências narrativas ambivalentes e, assim, conseguir enganar, distrair e, por fim surpreender o leitor. Através de suas insinuações irônicas, o narrador vai tecendo e desconstruindo as realidades e vai falseando os fatos, e a partir daí o leitor tende a fazer suposições e conclusões equivocadas com relação ao desenrolar da história. “Assim, a ironia deste narrador, que rompe com a unilateralidade do contar, instaura uma conseqüente ambigüidade, jogando com o dito e não dito, com o saber e não saber das personagens e do leitor. (SAES, 2009, p.101).

Ao se referir à origem do triângulo amoroso na história, este narrador irônico finge desconhecer as causas que impulsionaram o surgimento dessa relação: “Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura, e nenhuma explicação das origens” (ASSIS, 1994, p. 03). Percebe-se, nesta passagem do texto, o tom irônico com que o narrador se refere à

origem desse triângulo amoroso, ele dissimula a verdade, com o intuito de provocar no leitor uma visão crítica em relação a isto. Conforme assinala Silva (2007, p. 150), “uma representação irônica é a forma mais diplomática, sutil ou delicada de dizer uma coisa, satiricamente querendo dizer o seu oposto, mas atenuando a intensidade agressiva das palavras”.

O modo como este narrador apresenta as personagens também demonstra a presença marcante da ironia. Camilo é caracterizado como um homem “sem experiência e nem intuição”, “um ingênuo na vida moral e prática”, ou seja, um homem que não tem segurança, autonomia e nem atitude, pois se inicialmente era totalmente dependente da mãe, quando esta morre, passa a ser dependente do casal de amigos, mais especificamente de Rita. Esta é apresentada ironicamente como a mulher – pecadora, a “serpente” que se acerca de Camilo e o envolve como uma presa indefesa e sem nenhuma saída. O narrador usa a ironia dosada de certa malícia para falar da atitude e do comportamento destas personagens:

Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro”. (ASSIS, 1994, p. 04).

Nesta passagem do texto, Machado de Assis, de forma irônica, faz uso de ditados populares como forma de criticar o envolvimento de Rita e Camilo. Ironiza também sobre o comportamento da Cartomante, a falsa vidente, que espertamente utiliza-se do oráculo para aproveitar-se do desespero e da fraqueza das pessoas, para enganá-las e com isto obter lucro financeiro.

Ao tratarmos sobre a ironia como recurso usado na construção do texto, verificamos que este é o procedimento usado por Machado para ajudar a subverter todo o discurso do narrador, através dessas manifestações irônicas presentes nas sequências narrativas o narrador procura incitar o leitor a compreender a crítica que se estabelece por

traz de sua aparente normalidade.

Considerações finais

Ao adentrarmos no universo ficcional machadiano, precisamente no conto *A Cartomante*, verificamos a presença de traços bem característicos do estilo de Machado de Assis. A análise psicológica dos personagens, a análise social, o tom de tragédia e a ironia são as principais características condutoras desta narrativa. Essas características são reveladas através de aspectos, tais como: os conflitos internos, pessimismo, morte, discurso ambivalente do narrador e as ambiguidades e o comportamento das personagens.

Este conto mostra de maneira objetiva, uma visão realista sobre os contrastes da vida social e psicológica do homem. O autor consegue criar em torno de um trivial triângulo amoroso uma narrativa surpreendente e rica em detalhes, pois, ao mesmo tempo que faz uma crítica irônica a determinados comportamentos da sociedade, ele procura penetrar no que há de mais íntimo do ser humano – a alma, desvendando-lhe seus enigmas mais profundos. Machado consegue falar com disfarçada neutralidade, sobre diversos temas como: amor, amizade, traição, desejo, medo, vingança e morte. É daí advém a universalidade e atualidade desta obra, pois ao tratar de temas como estes, oferece aos diversos grupos em diferentes épocas, interpretações e significados que lhes serão sempre válidos.

Ao analisarmos este texto, conseguimos observar que esta história trágica, se transforma em uma narração irônica. Esta ironia é o traço que reveste toda esta narrativa, pois além de fundamentar todo discurso do narrador, é usada também na apresentação das personagens transformando o caráter destas. Com efeito, a figura desse narrador é preponderante para que este mecanismo torne-se totalmente relevante na construção do texto, pois é ele que transforma o sentido do que é narrado. Por tanto, Machado a utiliza

de forma subjetiva e camuflada para dar a esta narrativa uma riqueza de significados e interpretações, ou seja, por traz da aparente simplicidade de cada manifestação irônica, existe uma crítica aos contrastes da vida singular dos indivíduos, de determinados comportamentos e estruturas sociais.

Referências Bibliográficas:

ARISTÓTELES. **A Poética Clássica**: Aristóteles, Horácio, Longino; Introdução, 7ª ed. por Roberto de Oliveira Brandão. Tradução, Jaime Bruna, São Paulo: Cultrix, 1997.

ASSIS, Machado de. **Contos**. Seleção, Introdução, Notas e questionários de Francisco Achcar. Objetivo. 2ª edição revista, 1994.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**/ 43 ed. - São Paulo: Cultrix, 2006

CANDIDO, Antônio. **A Personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos. Esquema de Machado de Assis** 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul; São Paulo: Duas cidades, 2004.

COUTINHO, Afrânio. **Estudo Crítico, In: ASSIS, Machado de. Obra Completa**. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1997. V. 1.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**/ 19ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: Prosa 1**: 20ª ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

SANCHEZ, Amaury. “Panorama da Literatura no Brasil”. In: **Realismo, Naturalismo, Parnasianismo**. São Paulo: Abril Educação, 1982.

SILVA, Jailma Souto da. **O Enigma da morte em Machado de Assis**. João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB, 2007.

SOUSA NETO, Dário Ferreira. **A cartomante: Uma tragicomédia machadiana**. Machado Assis Linha [online]. 2012, vol.5, n.9, pp. 171-185. ISSN 1983-6821.

PESSOA, Patrick. **A Ironia Trágica de Machado de Assis**. In: Viso- Cadernos de Estética Aplicada, revista eletrônica de estética. Nº1, jan-abr / 2007. ISSN 1981-4062.

SAES, Moema Cotrin. **O dramático na ironia de Machado**. Olho d'Água, São José do Rio Preto, 1 (2): 99-107,2009.